

Resenha



LIRA NETO. *O inimigo do rei: uma biografia de José de Alencar, ou a mirabolante aventura de um romancista que colecionava desafetos, azucrinava D. Pedro II e acabou inventando o Brasil*. São Paulo: Globo, 2006.

O livro de Lira Neto, *O inimigo do rei: uma biografia de José de Alencar, ou a mirabolante aventura de um romancista que colecionava desafetos, azucrinava D. Pedro II e acabou inventando o Brasil*, tem entre inúmeros méritos o de fazer justiça a esse personagem do Império. Ele revela na forma como articula a carreira política às atividades literárias de José de Alencar os paradoxos desta época. O livro é todo fundamentado em fontes primárias, entre as quais os jornais do tempo, tanto do Rio de Janeiro como do Ceará, os *Anais da Câmara dos Deputados* – com o cuidado, diga-se de passagem, de traduzir até os registros das gargalhadas e dos murmúrios anotados pelo atento taquigráfo da câmara – e alguns manuscritos inéditos, como o *Esboço dos Filhos de Tupã*, que se encontram no Museu Histórico Nacional. Esta opção permite uma visão mais contemporânea e menos equivocada, do ponto de vista da avaliação da obra desse romancista, cuja importância ainda estava por se recuperar, desde que os positivistas, deterministas, darwinistas e realistas brasileiros deram início à afirmação daquela escola, menosprezando e depreciando o maior ícone da escola romântica, que foi o escritor José de Alencar.

Ao construir essa biografia, Lira Neto optou pela linguagem do folhetim, que foi o grande divulgador da cultura e da literatura no século XIX brasileiro. Dessa forma, temos que o autor conseguiu imprimir ao seu personagem, ao tom de polêmica, aos títulos dos capítulos e à agilidade do desenvolvimento do livro uma estrutura folhetinesca que, tal qual os romances rocambolcos, atraem para si o interesse voraz do leitor. Isso, sem mencionar as belas e elucidativas caricaturas que vão contando em paralelo as estripulias desse “herói nacional”.

Entre os múltiplos aspectos desenvolvidos pelo livro, elegemos a figura de Alencar romancista, cuja obra é tão justamente revista e

reavaliada pelo autor, através da análise de todos os títulos, inclusive aqueles considerados de menor importância pela historiografia literária. Porém, é importante notar que se trata de um viés um pouco forçado da minha parte, uma vez que Lira Neto articula de forma primorosa as face política e intelectual do escritor cearense. Apresentado em *media res*, Alencar é no primeiro capítulo um homem alquebrado, fraco, um velho precoce, com dificuldades de falar em meio ao parlamento, vítima visível do fantasma da época que era a tuberculose. Mesmo assim, ainda teve forças para travar uma disputa com Cotegipe, para criticar D. Pedro II e a atitude que tomara de deixar o poder executivo nas mãos do duque de Caxias, para fazer uma longa viagem ao redor do mundo, às custas do erário. Logo Caxias, a quem havia elogiado em uma biografia que escrevera, *O marquês de Caxias*. Ao fim do debate, o monarquista foi bastante elogiado por deputados do partido oposto, os liberais, e por alguns conservadores como ele. Seu discurso empolgou a tal ponto que, como registrou o taquígrafo, foi abraçado por alguns membros do parlamento que esqueceram, momentaneamente, a sua condução de tuberculoso. Dali a cinco dias, Alencar, o panfletário, funda com outros dois colegas – Félix Ferreira e José Lino de Almeida –, o jornal *O Protesto* onde dará continuidade às críticas e exercerá mais uma vez a vocação de polemista, demonstrada desde cedo, e com a qual tornou-se conhecido na famosa polêmica sobre *A Confederação dos Tamoios*, o famoso poema de Gonçalves de Magalhães. Àquela altura da vida, entre os poucos amigos, um leal e silencioso Machado de Assis e o jovem Capistrano de Abreu.

Dessa forma, Lira Neto desde o primeiro capítulo constrói o perfil desse personagem que foi, sobretudo, um homem do seu tempo, um jornalista polêmico, um ser humano contraditório, um político incoerente, além de “um autor romântico de folhetim”, epíteto com que os “penas de aluguel”, pagos por Cotegipe, achincalhavam o escritor cearense.

O faro de jornalista de Lira Neto o leva a descobrir os primeiros folhetins do autor, ainda inéditos, aos quais Alencar faz menção em 1875, no jornal *O Globo*. Tal achado permite que o leitor compreenda o caráter desse jornalista que estréia em 1854, nas páginas do *Diário do Rio de Janeiro*, a carreira de escritor de folhetins dominicais. À coluna, ele deu o nome de *Álbum*, como eram chamados os cadernos de anotações íntimas, principalmente das jovens românticas. Nesse gesto já se revela o escritor que tem o firme propósito de atrair leitores, principalmente as leitoras, ao falar de coisas amenas, “coisas ligeiras e menos graves”, imagens com as quais ele e outros autores vão desqualificar os folhetins e seus leitores. Já no *Correio Mercantil*, onde faria grande sucesso com os folhetins “Ao correr da pena”, escritos sob

o pseudônimo de Al., Alencar voltaria a discutir esse gênero absolutamente novo, considerado de segunda por muitos, mas que atraía para si uma gama imprevisível de leitores, dada a variedade de assuntos que abordava como revelam suas palavras: “O namorado acha que o folhetim não presta porque não descreveu certo *toilette*, o caixeiro porque não defendeu o fechamento das lojas no domingo, as velhas porque não falou da decadência das novenas, as mocas, porque não disse claramente qual era a mais bonita (...)” (p. 102).

O jornal ao mesmo tempo em que abria as portas para a carreira literária, representava à época o lugar mais apropriado para a polêmica, os debates, motivados por qualquer assunto, tanto pelos leitores, nas sessões que lhes eram dedicadas, normalmente chamadas de “A pedidos” como pelos jornalistas, que ampliavam-na em outros jornais, defendendo esse ou aquele ponto de vista. O homem rancoroso soube como ninguém se aproveita desse espaço de poder para se transformar em um dos maiores polemistas do nosso romantismo, tão conhecido e afamado principalmente pelo mais importante de todos que consistiu na batalha da *Confederação dos Tamoiós*, onde através de cartas, usando o pseudônimo de Ig. desqualificou com fúria o poema de Gonçalves de Magalhães, espécie de emblema oficial do Império. Mas esse estilo que “arrebata centenas de leitores” também fazia inimigos pelos assuntos mais corriqueiros, como, por exemplo, declarar guerra contra o entrudo. O diferencial do livro de Lira Neto é demonstrar como essas polêmicas vão estar na base das grandes e revolucionárias contribuições literárias de Alencar para a fundação da literatura brasileira. A primeira delas diz respeito à mudança na concepção do que seja e de como se elabora um poema. Ao observar que Gonçalves de Magalhães retira trechos de *O Uruguai*, ele está apontando para uma realização absolutamente romântica que é a originalidade, forma completamente nova de compor, ainda não incorporada pelos poetas e que vai ao longo dessa polêmica sendo construída teoricamente por Alencar.

Quando publica *O Guarani* em 1857, Alencar coloca em prática as sugestões que fizera através das críticas ao poema de Magalhães. O romance publicado nos folhetins do *Diário do Rio de Janeiro* representou um grande sucesso de público, não só no Rio de Janeiro, o que parece ser um incômodo para certa crítica, desde aquela época, que resolveu ignorar o romance com o mais absoluto silêncio. Lira Neto não se satisfaz em narrar simplesmente o acontecimento, mas detalha a repercussão e o sucesso que o livro obteve, através das memórias de Taunay, por exemplo. A opção de Alencar pelo romance é, como mostra o autor, uma escolha consciente, por um gênero moderno, de grande aceitação do público da época. Da mesma forma é inovadora a

paisagem de *O Guarani*, até então nunca representada em tal abundância e riqueza de detalhes em qualquer narrativa brasileira.

Depois de provar que poderia ser um escritor de sucesso, um jornalista capaz de recuperar e atrair leitores para um jornal em decadência, o escritor cearense se lança em nova batalha, essa quase esquecida por certa história da literatura brasileira. Trata-se do escritor de comédias de teatro, que estreou com o sucesso *Rio de Janeiro: verso e reverso*, cujo propósito era “fazer rir sem fazer corar”, tese que foi comprada pelo empresário da companhia teatral do Ginásio Dramático, Joaquim Heliodoro Gomes dos Santos. Como bem observa Lira Neto, Alencar, assim como fizera com a literatura, também pretendia “inventar” o verdadeiro teatro brasileiro”. E em tom reivindicatório lança um manifesto aos colegas: “Nós, todos, os jornalistas, estamos obrigados a nos unir e criar o teatro nacional; criar pelo exemplo, pela lição, pela propaganda”(p. 180). Mais uma vez, ele optou pelo moderno como modelo de composição e por isso troca os arroubos românticos pelos exemplos da escola realista. *O demônio familiar* estreou e causou polêmica; houve aqueles que viram na peça o antiabolicionista, outros, como Machado viram “um protesto contra a instituição do cativeiro”. Polêmica também foi recepção de *As asas de um anjo*, rotulado como “espetáculo pornográfico”. Como além de polêmico, o personagem de Lira Neto também era voluntarioso, por causa da censura a que fora submetido, pede demissão do jornal, arruma um emprego público e por dois anos castiga seus leitores com o silêncio. Ele ainda iria amargar o fracasso com outro drama, *O jesuíta*, e contribuir para a ruína de João Caetano. Porém, nesse tempo, ele já não era um simples funcionário público, mas um conselheiro do império, um deputado conservador, ou como se dizia à boca pequena, um “Vira-Casacas”, que usou seu cargo e um discreto parecer em um processo, para vingar-se de João Caetano, cortando a subvenção para o Teatro São Pedro de Alcântara, pois ele havia se negado a representar a peça *O jesuíta*. Segundo consta, esse gesto de vingança levou o ator à falência e à morte.

Como homem do seu tempo, Alencar irá se render ao livreiro L. B. Garnier, para quem passa a escrever romances previamente contratados, através de pagamentos generosos e profissionais para a época. Além disso, ele entreviu no editor a proteção contra a pirataria e a “Terra de Ninguém”, que era o mercado editorial daquele tempo, com publicação dos romances em jornais de Províncias, sem pagamento de direitos autorais e com reproduções não autorizadas da qual foi vítima *O guarani*. Com o pseudônimo de G. M, ele cumpriria o contrato com o editor e escreveria sob encomenda *Lucíola e Diva*. Além disso, honraria o compromisso com Quintino Bocaiúva e escreveria a primeira parte

de *As minas de prata*, rodado nas gráficas do *Diário do Rio de Janeiro*, para a coleção Biblioteca Brasileira, idealizada por Bocaiúva. O livro tanto consegue representar o ritmo alucinante de trabalho do autor a fim de cumprir os prazos estabelecidos, como tornar visível a utilização de estratégias dos romances folhetins, a Eugene Sue, na elaboração desse romance, até mesmo na continuação que lhe deu Garnier. Mas esse personagem tão disciplinado e determinado é ao mesmo tempo totalmente impaciente com relação às críticas aos seus livros, por menor que fossem.

Tal qual fizera com as polêmicas, o autor aproveita as críticas para “lançar manifestos” que hoje soam absolutamente modernos e inovadores para época, principalmente porque estão devidamente contextualizados por Lira Neto. Assim, Alencar aproveitará para polemizar com os puristas do idioma e defender a “evolução da língua. Na condição de “moderno escritor”, como ele se autoproclama, argumenta que não podia lidar com a língua da mesma forma que escritores quinhentistas. Isso inclui a criação de neologismos, por exemplo, processo que radicalizaria em *Iracema*, uma obsessão muito bem apresentada pelo livro, desde que empreendera a famigerada batalha sobre *A Confederação do Tamoios* e começara o esboço de *Os filhos de Tupã*, obra que deveria apresentar como mito a origem do Brasil.

Ao contrário dos outros, *Iracema* não foi editado pela Garnier, mas publicado em uma edição do próprio autor. Sua repercussão foi nacional e desta vez a crítica não silenciou. Entre os que elogiaram o trabalho, inclui-se Machado de Assis, cuja crítica virou um estudo obrigatório sobre o romance. O autor tem o cuidado de registrar outros elogios que foram publicados nos jornais da época e fazer o seu contraponto com a crítica “azedada” do português Pinheiro Chagas, indignado com os brasileirismos. Mais uma vez Alencar usa os próprios livros para responder às críticas. No caso do romance indianista, ele o faz em um pós-escrito à segunda edição, onde revela o propósito de não seguir os padrões da gramática, não por se tratar de escritor “incorreto e descuidado”, pecha com a qual é tomado por Pinheiros Chagas, nem pela ignorância dos escritores clássicos, mas “pela convicção profunda a respeito da decadência daquela escola”. Ora, essa informação lida nos dias atuais, quando revisamos algumas verdades da história da literatura brasileira, torna plausível a hipótese de Lira Neto quando quer ver no pós escrito “uma espécie de prévia dos manifestos modernistas que viriam bem mais adiante, meio século depois. Eram, nitidamente as palavras de um vanguardista, pelo menos a seu tempo” (p. 243).

Outra contribuição importante deste livro diz respeito à leitura que o autor faz do romance *Guerra dos Mascates* como uma sátira política,

na qual são reconhecidos inúmeros personagens da contemporaneidade, entre elas o Imperador e o próprio Alencar. É que Alencar, o vingativo, não perdoara as críticas sistemáticas publicadas no jornal *Questões do Dia*, com as quais o brindavam Franklin Távora e Feliciano de Castilho, a quem chamava de “Gralha Imunda”. Este último, segundo supunha Alencar, era financiado pelo visconde do Rio Branco, que encobria, por sua vez, “a sombra do manto real”. A análise de Lira Neto parte do pressuposto de que *Guerra dos Mascates* é um *roman à clef*, no qual os personagens e nomes esconderiam “identidades de pessoas reais”. Na verdade, essa era uma estratégia da época, utilizada em outros países latino-americanos, que fora criada sobretudo pela linguagem jornalística, compartilhada pelos leitores de folhetins e periódicos e consistia em discutir propostas políticas em narrativas aparentemente ingênuas, ou no caso, em um romance histórico, aparentemente distante do presente. O pacto com o leitor pode ser entrevisto na advertência indispensável contra enredeiros e mal-dizentes”, onde negava as possíveis associações entre os personagens da trama e alguns dos seus desafetos, entre eles o Visconde do Rio Branco e o monarca: “Se o leitor malicioso quiser divertir-se experimentando carapuças, o autor desde já protesta contra semelhante abuso e pelos prejuízos, perdas e danos que daí possam provir a seu livro”. O mesmo artifício é usado em *O Garatuja*, que segundo Lira Neto é uma das obras-primas menos conhecidas do autor.

Como jornalista, Lira Neto escreveu um livro para o leitor comum, aquele que ler por curiosidade, por interesse na história e no personagem, assim como o fez José de Alencar ao longo de sua vida. Como pesquisador rigoroso, quando o assunto é a “ideologia escravista” representada em alguns romances de Alencar, ele fornece as fontes e remete o leitor para estudos mais aprofundados, pois muito embora a discuta, ele prefere contudo não se aprofundar nesses temas tão sérios e muito ao gosto dos estudos acadêmicos. Afinal, para ser coerente com o que propõe desde o título do livro, esse é um espaço para aventuras mirabolantes, intrigas e desafetos, além de uma boa dose de invenção.

Socorro de Fátima Pacífico Vilar*

* Doutor em Letras. Professor da Universidade Federal da Paraíba. Realiza estágio do Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da PUCRS, sob orientação de Dr. Regina Zilberman.